

flutuantes”, “conchas vazias”, “crossas de agulhas”. Não por coincidência, esses lugares de agulhas remetem ao escritor e a seu trabalho de tecer/entretecer, coser/descoser a palavra. Por isso, as “rigorosas planilhas de astrofísicos” tornam-se, no máximo, “farelos recolhidos e rebocados pelo Grande Coletor” e o “universalismo medonho” cai por terra, sugerindo que a “imprecisão é só o começo”.

O estado de dicionário da poesia de Paulo Rosenbaum traduz-se em “impensáveis palavras”, “levas de assombros”, “papéis pisados”, numa lírica tensão entre o que é exato e múltiplo, simultaneamente. Sua escrita, numa série de exercícios de contenção e expansão, adensa a afirmação do *Zohar*, de que em cada palavra brilham outras mil palavras. Os sentidos, as imagens, os afetos são, pois, elevados à potência máxima. Ao recriar o verbo, em milimétrica ubiquidade, o poeta-cabalista delineia “fios e marcas d’água” e afirma que não se perfila a “hermeneutas de passagem”, mas, a sonhadores que pensam em “modos de resistir aos novos pesadelos”.

LYSLEI NASCIMENTO

Universidade Federal de Minas Gerais



SILVIA ROSENBAUM

PAULO ROSENBAUM é poeta, romancista e escreve para o *Estadão* (blog Conto de Notícia). Médico, pós-doutor em Ciências, é autor de *A verdade lançada ao solo* (Record, 2010) e *Céu subterrâneo* (Perspectiva, 2016).

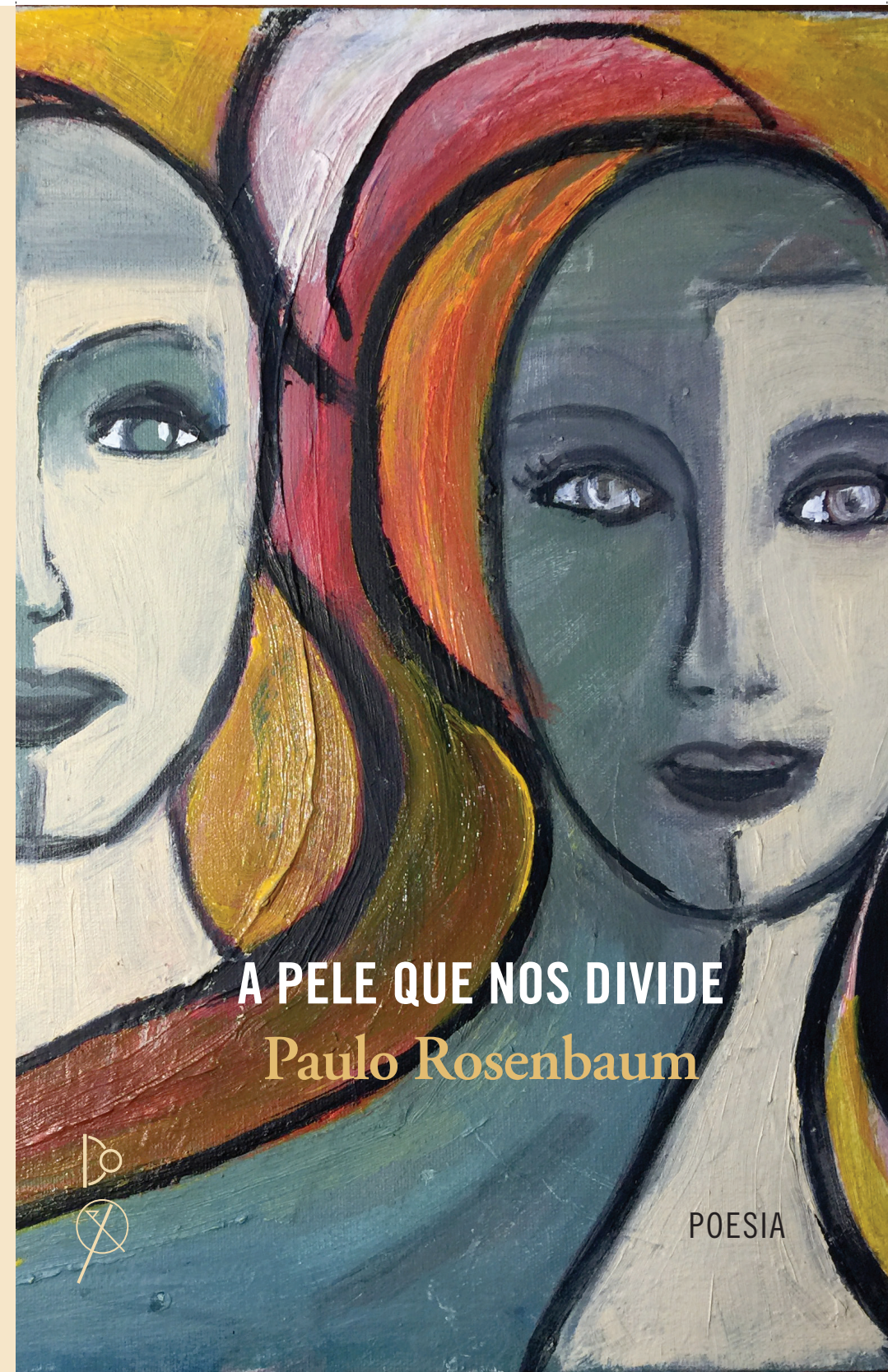


Por trás das tintas,
abalados pelo foco nos sentidos
pelos poemas que acabaram de seguir,
em naves, como rastros de testemunhas.

(ECLIPSE DE BURACOS NEGROS)



Paulo Rosenbaum
A PELE QUE NOS DIVIDE



A PELE QUE NOS DIVIDE
Paulo Rosenbaum

POESIA

MARCAS D’ÁGUA OU MODOS POÉTICOS DE RESISTIR

Os poemas que integram *A pele que nos divide: diáforas continentais*, de Paulo Rosenbaum, evocam a célebre lição de Carlos Drummond de Andrade, presente em toda a sua obra, mais especificamente em “Procura da poesia”: “penetre surdamente no reino das palavras, elide sujeito e objeto, chegue mais perto e contemple as palavras: ei-las, impregnadas de múltiplos sentidos, em estado de dicionário”.

Metáfora do exercício das possibilidades alquímicas do verbo, dos arranjos e das combinações de sentido, das escolhas e contenções de letras e palavras, o dicionário, para além de sua própria definição, amplia-se, de palavra em palavra. Desse modo, cada poema pode ser visto como “dossiês guturais”, “feixe de artes íntimas e rupestres”, “rolos arquivados”, “lista de afazeres excluídos” e “brotos insurgentes”. Esses substantivos, que apontam para a pluralidade, mesmo no singular, dão o tom de compêndio e de antologia de cada texto, o que vela e revela incomensuráveis níveis, âmbitos, camadas.

No “inacabável ofício”, o poeta convida à leitura sem não antes confessar que procura não só a poesia, mas o desejo do leitor por “alfabetos ignotos”. Grafar-se é, assim, fazer, apocrifamente, e sem dor, fazer desaparecer o grafado. “Talvez não fosse má ideia imaginar que nossos olhos se cruzassem dentro de um livro”, dentro do livro, na experiência da leitura. Ao acrescentar que “toda modernidade/ cobra interpretação/ e esse acúmulo é sintoma de sobrecarga de intérpretes”, além de marcar o tempo e sua demanda pela obrigatória decifração, o sujeito poético marca, ainda, o sintoma, a sobrecarga da leitura e o papel imponderável do leitor. Nesse sentido, pensar, ou ler, é, pois, estar doente dos olhos, como queria Fernando Pessoa.

A beleza infiltrada no verso, no entanto, insinua-se a partir de “álgebras para desfechos”. É desse testemunho de alguma “permanência”, que se dá em “bibliotecas